

REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA IDENTITÁRIA SOBRE O
FAVELADO NA MÚSICA DE FUNK “SOU FAVELA”, DE MC
BRUNINHO E VITINHO FERRARI



DISCURSIVE IDENTITY REPRESENTATION OF THE
FAVELADO IN THE FUNK SONG “SOU FAVELA”, BY MC
BRUNINHO AND VITINHO FERRARI

Manoel Ivany dos Santos VIEIRA JUNIOR
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Ruth Lima MARTINS
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Sara Valentim GURGEL
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AUTORIA
RECEBIDO EM 30/01/2024 • APROVADO EM 31/08/2024
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v13i2.1508>

O presente trabalho propõe analisar a representação discursiva identitária sobre o favelado na letra de funk “Sou Favela”, de MC Bruninho e de Vítinho Ferrari. Para realizar tal propósito, embasamo-nos na teoria/método da Análise de Discurso Crítica (ADC) na abordagem dialético-relacional, mais especificamente no modelo tridimensional (Fairclough, 2001). Também partimos dos estudos sobre representação discursiva (Ferreira, 2010) e sobre identidade (Woodward, 2014). Com base no modelo tridimensional, usamos as categorias de análise prática discursiva, texto e prática social: na prática discursiva, analisamos os processos de produção, distribuição e consumo; na prática textual, analisamos os itens lexicais presentes na canção que apontam para a representação identitária do *favela*; e na prática social, analisamos as bases ideológicas e hegemônicas da representação identitária do sujeito *favela* na música de funk. No nível da prática discursiva, percebemos que todos os indivíduos envolvidos no processo de produção da música vêm de comunidades periféricas, desde os produtores (DJ DG e Batidão Estronda), os intérpretes da música (MC Bruninho e Vítinho Ferrari), até o canal da plataforma de streaming que foi divulgado (GR6 EXPLODE) e que tece uma rede de práticas e sentidos sobre a representação do ser favelado para o público consumidor. Na prática textual, léxicos e suas relações semânticas evidenciaram que o favelado é representado como um sujeito racializado, marginalizado e economicamente pobre. Por fim, sobre a prática social, constatamos valores ideológicos de aporofobia e racismo, assim como constatamos a hegemonia capitalista e a supremacia branca na sustentação da representação analisada.

Abstract

The present research proposes to analyze the discursive identity representation of the *favelado* in the lyrics of the funk “Sou Favela”, by MC Bruninho and Vítinho Ferrari. To accomplish this purpose, we base ourselves on the theory/method of Critical Discourse Analysis (CDA) in the dialectical-relational approach, more specifically in the three-dimensional model (Fairclough, 2001). We also start from studies on discursive representation (Ferreira, 2010) and on identity (Woodward, 2014). Based on the three-dimensional model, we use the categories of analysis discursive practice, text and social practice: in discursive practice, we analyze production, distribution and consumption processes; in the textual practice, we analyzed the lexical items present in the song that point to the identity representation of the *favela*; and in social practice, we analyze the ideological and hegemonic bases of the identity representation of the *favela* subject in funk music. At the level of discursive practice, we realized that all individuals involved in the music production process come from peripheral communities, from the producers (DJ DG and Batidão Estronda), the music interpreters (MC Bruninho and Vítinho Ferrari), to the platform channel of streaming that was released (GR6 EXPLODE) and that weaves a network of practices and meanings about the representation of being from the favela for the consumer public. In the textual practice, lexicons and their semantic relations showed that the favelado is represented as a racialized, marginalized and economically poor subject. Finally, in social practice, we found ideological values of aporophobia and racism, as well as the capitalist hegemony and white supremacy in sustaining the analyzed representation.

Palavras-chave: Análise de Discurso Crítica. Representação discursiva identitária. Funk. Favela.

Keywords: Critical Discourse Analysis. Discursive identity representation. Funk. Favela.

Texto integral

Introdução

De acordo com o Dicionário Online de Português (2023), funk¹ é um gênero musical dançante e de ritmo forte, que geralmente é escrito e/ou cantado pelos MCs. Já o Dicionário Aulete (2023) conceitua funk como um termo usado para definir uma música popular que tem origem norte-americana, repetitiva, dançante e de marcação rítmica enérgica. Muito mais do que definir um estilo musical ou ser apenas um ritmo com batidas marcantes, o funk se tornou uma expressão da identidade das comunidades periféricas e dos seus sujeitos, além de uma ferramenta de luta e reivindicação de direitos.

Apesar de atualmente ser divulgado e circulado em diversos ambientes sociais, por ser um estilo musical que surge nas favelas, geralmente produzido e cantado pelos sujeitos que vêm de lá e que muitas vezes carrega em suas letras as vivências das comunidades periféricas, o funk ainda sofre bastante preconceito e discriminação por grande parte da sociedade. Através das músicas de funk, surgem muitas representações, não só sobre a favela, mas também sobre o sujeito que reside nesse lugar, comumente categorizado de *favelado*. Algumas dessas representações tentam subverter a imagem desses indivíduos, e outras acabam reforçando certos estereótipos sociais bastante problemáticos, como se o termo *favelado* fosse sinônimo de pobreza, inferioridade e criminalidade. Entendemos representação discursiva quando qualquer objeto discursivo manifesto no texto é representado pelo próprio texto.

Alguns trabalhos já se debruçaram sobre esse estilo musical tão presente no Brasil, como é o caso da dissertação de Luz (2017), situado na área da Comunicação e Informação, mobilizado na esteira da teoria geral do imaginário, que traz o funk nos estilos proibidão e ostentação, mostrando suas diferenças e semelhanças. Nessa dissertação, o funk é apresentado como um gênero musical que reafirma seus valores, dentro desses dois estilos. Outro trabalho que também versa sobre o funk é a dissertação de Vassolér (2018), a qual traz a Análise de Discurso Crítica (ADC) como referencial teórico. Nesse texto, é abordada uma análise discursiva de letras de funk ostentação, com o intuito de entender como acontece, a partir das produções funkeiras dos jovens da periferia, o processo do discurso do consumo pelas produções linguísticas, pelas representações sociais e pelas construções de identidades. E, por fim, trazemos o trabalho de Santos e Ramires (2017), que busca identificar, nas letras de funk, o condicionamento

¹ Todas as palavras estrangeiras neste texto estão em itálico. Porém, o termo funk não recebe tal marcação, dado que entendemos que já há uma apropriação desse termo no Brasil, bem como suas implicações de representação identitária, sobretudo de sujeitos que vivem no espaço social-comum em que o gênero musical em questão circula.

ideológico das massas dado através dessas manifestações culturais e de que forma isso reflete na imagem da mulher. Para realizar tal propósito, foi feita a análise das letras com base nos postulados da ADC. Como resultado, os pesquisadores perceberam a presença de ideologias alienantes e de dominação, como cultura de consumo e machismo patriarcal.

Apresentado esse breve estado da arte, diferente das pesquisas citadas, nosso trabalho busca analisar, através da letra de funk “Sou Favela”, do MC Bruninho e Vitinho Ferrari, como acontece o reconhecimento do favelado como um ser construído nas/pelas práticas sociais da favela, dando ênfase em como acontece a construção da identidade social desse indivíduo.

Nesse íterim, nosso artigo é dividido em quatro seções. Na primeira, apresentamos nosso referencial teórico (dividido em dois tópicos), abordando os estudos em ADC pelo modelo tridimensional de Fairclough (2001) e os estudos sobre representação e identidade. Em seguida, na seção de metodologia, caracterizamos nossa pesquisa, mostramos o *corpus* e explicamos como se deu nossos procedimentos analíticos. Adiante, apresentamos nossa análise e, por fim, concluímos com os resultados obtidos.

Análise de Discurso Crítica e o modelo tridimensional de Fairclough

A Análise de Discurso Crítica (ADC) - ou Análise Crítica do Discurso (ACD) - é uma teoria e método que se situa na Linguística e na Linguística Aplicada, bem como em outras ciências que não se inserem restritamente aos estudos da linguagem, como Jornalismo, Comunicação, Ciências Sociais etc. A ADC atravessa os estudos linguísticos e chega a outras esferas quando se situa como uma disciplina que concebe a linguagem numa perspectiva crítica e transdisciplinar.

A expressão “Análise de Discurso Crítica”, segundo Resende e Ramalho (2006), foi alcunhada por Fairclough, grande expoente da ADC. O caráter de investigação desse aporte teórico-metodológico parte do pressuposto de que não existe neutralidade na linguagem, dado que essa teoria e método traz, por parte do pesquisador, sua explicitude política. Por esse viés, pesquisas em ADC buscam explicitar as relações assimétricas de poder, que desprivilegiam grupos minorizados, os quais foram marginalizados e violentados no decorrer da história, a fim de possibilitar mudanças sociais.

Em conformidade com Batista Jr., Sato e Melo (2018, p. 13), o “C” de crítica em ADC caminha em dois sentidos: “ao valor atribuído à ética, à justiça e à decência no processo de análise”; e ao problema social que exige de qualquer analista do discurso “a decisão de descrever a realidade, promovendo sua explanação para alcançar a compreensão das articulações ou arranjos sociais que levam à injustiça presenciada”. Portanto, a contribuição da ADC, diante de diversas teorias linguísticas, é oferecer à ciência, sobretudo às linguísticas e às sociais, um olhar especial acerca do papel da linguagem na sociedade.

Hoje, a ADC apresenta diversas abordagens, como a Histórico-Discursiva (HD), a Linguística de Corpus (LiC), a Atores Sociais (AS), a Análise de Dispositivo (AD), a Sociocognitiva (SC) e a Dialético-Relacional (DR) (Wodak; Meyer, 2009 *apud* Magalhães; Martins; Resende, 2017). Neste texto, filiamo-nos à última, que traz, como grande nome, Fairclough, pois, conforme tal abordagem, a relação entre

linguagem e sociedade é dialética, isto é, a linguagem atua na sociedade, assim como a última age na primeira. Aqui, é dada uma atenção para as mudanças sociais e discursivas, além do papel da linguagem como um espaço para lutas sociais (Fairclough, 2001). Daí, temos uma teoria/método que analisa as práticas sociais através do texto, onde os discursos são materializados.

Como objeto de estudo da ADC, o discurso é concebido como prática social e não como atividade individual (Fairclough, 2001). O discurso é “um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação” (Fairclough, 2001, p. 91). Entendemos, dessa forma, que o discurso é uma maneira de agir no mundo, influenciar os outros e construir representações.

Ainda acerca do discurso, Fairclough (2001) afirma que há três aspectos constitutivos do discurso que são as contribuições de construção: i) de identidades sociais e posições de sujeito; ii) das relações sociais entre as pessoas; e iii) de sistemas de conhecimento e crença. Dessarte, o discurso constitui identidades, relações e crenças.

Para exemplificar, tratando-se do fenômeno social de investigação deste texto, ao pensar em uma prática discursiva do funk, como suas canções, pensamos em discursos que atribuem identidades a esses sujeitos, suas relações de interações e suas diversas manifestações de conhecimentos e crenças. A saber, a atribuição de identidade construída pelo discurso a esse grupo social - os funkeiros - não é única e absoluta, já que há outras variáveis que compõem essa identidade, como a representação do funk - e por tabela do funkeiro - na mídia, na esfera da cultura, na ordem de segurança social, entre outros.

Além dessa primeira concepção de discurso, Chouliaraki e Fairclough (1999) revisita o conceito e discurso passa a ser entendido pelos autores como uma dimensão das práticas sociais. Nas palavras de Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 29), “o discurso é uma dimensão das práticas sociais, que seriam constituídas também por elementos não discursivos como as crenças, valores, desejos, instituições e relações sociais”.

Embora exista uma conceituação de discurso mais atualizada, não é incomum encontrar trabalhos que mobilizem a primeira concepção se tratando da abordagem *faircloughiana*. O primeiro conceito de discurso ainda se mostra muito pertinente para pesquisas que investigam textos nos meios midiáticos (Pereira; Teixeira; Pereira, 2020). Assim sendo, optamos, para quando da nossa análise, seguir a linha da primeira concepção de discurso de Fairclough (2001).

Após a argumentação de qual conceito adotamos, é imprescindível entender que quaisquer das concepções expostas, o discurso explana marcas de poder que são operadas na sociedade e estabelece, quando a serviço da hegemonia, padrões sociais que mantêm grupos hegemônicos no poder. A partir disso - considerando a primeira concepção de discurso -, Fairclough (2001) elabora a Teoria Social do Discurso, que reúne “a análise de discurso orientada linguisticamente e o pensamento social e político relevante para o discurso e a linguagem” (Fairclough, 2001, p. 89). Daí, temos a análise de discurso textualmente orientada (ADTO).

Por essa teoria, Fairclough (2001) interpreta o discurso em uma perspectiva tridimensional, na qual o discurso é constituído pela prática/dimensão

social, prática/dimensão discursiva e texto/dimensão textual. Para ilustrar, segue a figura 1.

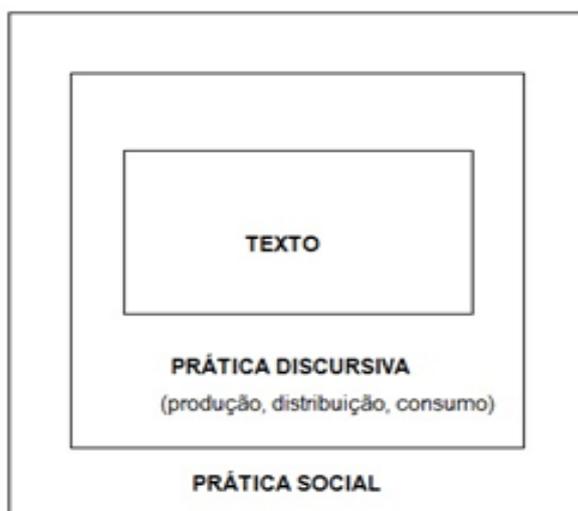


Figura 1 – Concepção tridimensional do discurso

Fonte: Fairclough (2001, p. 101)

De acordo com a figura 1, de um lado, a prática social é a categoria mais macro do discurso, de outro, o texto é a categoria mais micro. A prática discursiva, por sua vez, tem um papel particular porque ela medeia a prática social e o texto. Cada uma das três dimensões do discurso tem estimas particulares e categorias próprias. Apresentamos, a seguir, cada uma delas detalhadamente.

A prática ou dimensão social se relaciona com estruturas sociais que, em potencial, pressionam para enveredar em um evento social. De acordo com Fairclough (2003), as estruturas sociais são abstrações que moldam as probabilidades de realizações em um evento social. Contudo, como bem observa o autor, estruturas sociais não são meras causas que ocasionam eventos sociais, pois a prática social, que leva em consideração instituições, valores, crenças, intermedia os dois pontos.

Ainda acerca da dimensão social, dois conceitos são extremamente relevantes: a ideologia e a hegemonia. O primeiro diz respeito à mobilização de sentidos que são articulados no discurso a fim de estabelecer relações desiguais as quais privilegiam um grupo e desprivilegiam outros. Nas palavras de Fairclough (2001, p. 121),

as ideologias surgem nas sociedades caracterizadas por relações assimétricas de dominação com base na classe, no gênero social, no grupo cultural, e assim por diante, e, à medida que os seres humanos são capazes de transcender tais sociedades, são capazes de transcender a ideologia.

Nessa linha, a ideologia é concebida pelo autor como um fenômeno sempre negativo.

De acordo com Fairclough (2001, p. 122), a hegemonia “é o poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais em aliança com outras forças sociais”. A hegemonia é um modo de articulação entre instituições e grupos hegemônicos que regulam possíveis instabilidades que ameaçam suas posições de poder. Estrategicamente, ela é difundida de maneira consensual, possibilitando, dessa forma, mais dificilmente rompimentos de alianças e de relações de dominação e subordinação.

A prática discursiva sempre se manifesta de forma linguística (Fairclough, 2001). Ela envolve inúmeros elementos, como “os textos e seus tipos, os gêneros discursivos, os níveis da linguagem, as escolhas lexicais, as figuras de linguagem etc” (Magalhães; Martins; Resende, 2017, p. 139). Assim, podemos pensar, se tratando da prática discursiva, em ações habituais da sociedade que formam um conjunto de características capazes de padronizar certos usos do discurso. Tais usos se relacionam com a produção, distribuição e consumo do texto. Fairclough (2001) explica que produção, distribuição e consumo são processos norteadores de análise de práticas discursivas, que variam de acordo com o contexto em que os discursos se realizam. São processos sociais e, por isso, sua análise deve ser realizada de modo relacionado aos ambientes econômicos, políticos e institucionais particulares nos quais o discurso é gerado. Com isso, entendemos que, para fins analíticos, é imprescindível analisar o contexto econômico, político, social etc., no qual o discurso foi realizado.

A dimensão textual ou texto é onde o discurso ganha materialidade. Pelo prisma da ADC, para se realizar uma análise discursiva, o texto é fundamental, já que a análise é linguisticamente orientada e almeja discutir, através do texto, questões sociais (Fairclough, 2001). Aqui, damos luz à análise de vocabulários que compõem um determinado texto, como neologismos, lexicalizações, metáforas, entre outras estratégias discursivas que ocorrem no plano textual.

Para nossa análise, quando da contemplação textual, tratamos do uso do léxico e suas relações semânticas; quando da prática discursiva, abordamos os movimentos de produção, distribuição e consumo; e, por fim, quando da análise da prática social, trazemos a discussão sobre ideologia e hegemonia. A explicar, o percurso tridimensional do discurso (Fairclough, 2001) aqui está sendo considerado juntamente com as colaborações teóricas de representações e identidades, como expomos pormenorizadamente na próxima seção.

Representação e identidade

A partir das discussões desenvolvidas sobre ADC, na perspectiva teórica elaborada por Fairclough por meio da abordagem dialético-relacional, pensamos a questão da representação a partir de uma concepção de discurso que integra concomitantemente em sua dimensão uma forma de agir, uma forma de representar e uma forma de ser. Para isso, temos como foco a reformulação do conceito de representação discursiva a partir da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) de Halliday (1991), feito por Fairclough.

De acordo com Ferreira (2010), pensar a questão da representação na ADC é importante para compreender o conceito de discurso mais recentemente

formulado por Fairclough², que entende discurso como um modo específico de representação do mundo. De acordo com ele, Fairclough compreende discurso em duas acepções: a primeira de maneira mais geral, entendendo discurso como “momentos particulares de práticas sociais, um elemento da vida social interconectado a outros elementos”; e outro de maneira mais específica, em que o “discurso é um modo de representação particular do mundo, de um determinado grupo” (Ferreira, 2010, p. 437).

Para falarmos de representação discursiva, é importante termos em mente que tal abordagem parte de uma recategorização da concepção de discurso feita por Fairclough a partir de um diálogo com a LSF de Halliday, que aborda a perspectiva de linguagem multifuncional, pensando a relação entre discurso e sociedade em uma análise do discurso textualmente orientada. Por isso, entendemos representação discursiva quando qualquer objeto discursivo manifesto no texto é representado pelo próprio texto.

Segundo Ferreira (2010), ao pensar em discurso como modo particular de representação da realidade, Fairclough estaria se baseando na perspectiva teórica multifuncional da linguagem desenvolvida por Halliday, que formula três grandes funções a partir e por meio da linguagem. De acordo com Ferreira (2010, p. 440), “Halliday (1991) postula que a linguagem funciona a partir de três macrofunções sociais: a função ideacional, a função interpessoal e a função textual. Segundo Halliday, essas três macrofunções atuam simultaneamente nos textos”.

A função ideacional seria a maneira como nós, pela língua/linguagem, representamos a realidade. A função interpessoal diz respeito às relações sociais e pessoais que se interpelam nos usos da língua. Já a função textual está ligada à estrutura do texto no sentido gramatical e semântico. Essas funções acontecem simultaneamente e não de maneira separada, por isso Halliday defende que todo enunciado deve ser estudado em sua multifuncionalidade.

Com base nisso, Fairclough faz uma releitura dessas macrofunções pensadas por Halliday, dividindo-as em duas outras funções: identitária e a relacional. A função identitária “trata da forma como as identidades são elaboradas no discurso; e a segunda, que chama de função relacional, refere-se à forma como as relações sociais que circunscrevem os indivíduos são negociadas e elaboradas no/pelo discurso” (Santos; Tavares et al 2022).

Ao fazer essa recategorização de Halliday, Fairclough compreende que, por meio da prática discursiva, “podemos acionar três modos de atuação social que funcionam de forma simultânea e interconectada, a saber: modos de agir, modos de representar e modos de ser. Todos os três tipos de modos funcionam de forma simultânea e interconectada” (Santos; Tavares, et al 2022). Cada um desses modos se relacionaria a uma espécie de significado, seriam eles: significado acional, representacional e o identificacional, em que cada um deles estaria atrelado respectivamente aos conceitos de gênero, discurso e estilo.

Assim, em nossa análise, abordamos o significado representacional, que é a representação dos aspectos sociais a partir do discurso que, de acordo com Ferreira (2010), está dialogando constantemente com o significado

² Apesar de Ferreira (2010) trabalhar com a segunda concepção de discurso formulada por Fairclough, reiteramos nossa escolha conceitual de trabalhar com a primeira concepção *faircloughiana*, como já argumentado neste texto.

identificacional, já que o ato de representar está ligado a postura identitária que o usuário assume. Segundo Santos, Tavares, et al (2022), “Fairclough (2003) o atrela ao conceito de discurso, uma vez que é a partir da prática discursiva que construímos e representamos linguisticamente o mundo físico”. Assim, esse modo de representar não é neutro e nem se dá de maneira aleatória, mas é atravessado por diversos fatores sociais, políticos, ideológicos, econômicos etc. “Esses fatores corroboram a representação do mundo a partir de uma determinada ótica, que pode tanto perpetuar o pensamento hegemônico, quanto gerar uma oposição, ou seja, uma tentativa de ruptura da perspectiva dominante” (Santos; Tavares, et al 2022).

Woodward (2014) comenta que na base da discussão acerca da identidade paira a tensão entre as perspectivas essencialistas e as perspectivas não essencialistas. A exemplo de uma definição essencialista de identidade sugere que existe um conjunto cristalino, fixo, imutável e autêntico de características que um determinado grupo partilha e não se altera ao longo do tempo. Uma definição não essencialista focaliza as diferenças, assim como as características partilhadas entre diferentes grupos étnicos e às formas pelas quais a definição daquilo que é ser de um determinado grupo tem mudado ao longo do tempo.

Segundo Woodward (2014), a representação atua simbolicamente para classificar o mundo e nossas relações no seu interior, então as identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais são representadas. Daí, surge a questão: como utilizar a ideia de representação para analisar a forma como a identidade de favelado é construída? Woodward (2014, p.13) salienta que “a identidade é, na verdade, relacional, e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades”. Dessa forma, devemos refletir: o que é visto como sendo a mesma coisa e o que é visto como sendo diferente nas identidades de quem é favelado e de quem não é favelado? Quem é incluído e quem é excluído? Para quem está disponível a identidade nacional enfatizada pela história e quem é mantido invisibilizado?

O conceito de identidade envolve a análise dos sistemas classificatórios que mostram como as relações sociais são organizadas e divididas: por exemplo, ela é dividida em ao menos dois grupos em oposição, “nós e eles”, “favelados e não favelados”. Woodward (2014, p. 14) salienta que, contudo, “as identidades não são unificadas, pode haver contradições no seu interior que têm que ser negociadas”.

A identidade também está vinculada a condições sociais e materiais. Se um grupo é simbolicamente marcado como o inimigo ou como marginalizado, isso produzirá efeitos reais porque o grupo será socialmente excluído e terá desvantagens materiais. Isso acontece, comumente, com os sujeitos que moram em lugares marginalizados como são as favelas no Brasil.

Segundo Santos (2015, p. 10), “a identidade tem seu desenvolvimento determinado por condições históricas, sociais e materiais e subjetivas dadas, somadas ainda às formas como o próprio indivíduo elabora tais condições”. No presente trabalho, a identidade não é vista como fixa, mas sim como processo de constante transformação, que adquire sentido por meio das práticas de significação e dos sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos e representados.

Metodologia

Por nos interessarmos em analisar, em uma única canção de funk, a representação discursiva de quem mora na favela, assim como sua constituição identitária, nossa pesquisa se caracteriza como qualitativa interpretativista. Consoante Magalhães, Martins e Resende (2017, p. 31), “os elementos textuais são entendidos aqui como argumentos para uma interpretação da prática social”. Com isso, uma pesquisa qualitativa interpretativista, sobretudo no campo da ADC, deve relacionar o texto ao seu contexto social específico de produção, considerando os elementos da prática social, como crenças, valores, atribuições, sujeitos, representações, os quais são construídos e difundidos a partir de olhares e interpretações do mundo. Ainda, não buscamos trabalhar com inúmeros dados a fim de investigar regularidades, já que analisamos, de maneira particular, as impressões, dadas pelo nosso *corpus*, que apontam e manifestam uma representação identitária da favela. Em outras palavras, nossa análise se dá de maneira verticalizada, com o intuito de esgotar, dentro das possibilidades de nosso escopo de pesquisa, a partir da música “Sou Favela”, de MC Bruninho e Vitinho Ferrari, a representação identitária do sujeito “favela”.

Em se tratando especificamente do nosso *corpus*, temos uma canção funkeira, lançada em 2018, intitulada “Sou Favela”³. Os artistas da canção são MC Bruninho e MC Vitinho Ferrari. A seguir, apresentamos a canção na íntegra:

Música: Sou Favela (MC Bruninho e Vitinho Ferrari)
1. Rodo becos e viela
2. Mas não encontrei ninguém que tenha a beleza dela
3. Sou do morro, sou favela
4. Mas meu coração se apaixonou por essa cinderela
5. Ela é da zona Sul, loirinha, de olho azul
6. E o impasse é o pai dela
7. Só porque eu sou neguin, moro num barraquin
8. Mas dei a chave do meu coração pra ela
9. Hoje ela vem me ver
10. E eu vou bater uma real pra ela
11. Hoje ela vem me ver
12. E eu vou bater uma real pra ela
13. Fala pro teu pai que eu não quero dinheiro
14. Eu já tenho a riqueza que é você

³ Letra da música retirada do Youtube. Disponível em: <<https://youtu.be/PvJIwSPte4E>>. Acesso em: 31 abr. 2023.

15. Se quiser casar, eu caso
16. Vamos brincar de amar, somente eu e você
17. Fala pro teu pai que eu não quero dinheiro
18. Eu já tenho a riqueza que é você
19. Se quiser casar, eu caso
20. Vamos brincar de amar, somente eu e você

Como ponto de partida para nossa análise, apesar da concepção tridimensional *faircloughiana* apontar a dimensão textual como categoria mais micro, assim sendo uma sugestão de início para começar qualquer análise em ADC, optamos por iniciar pela prática discursiva. Entendemos que compreender, logo de início, a produção, a circulação e o consumo podem ser relevantes para entrarmos, em seguida, na dimensão do texto e explanarmos as implicações sociais do léxico e de suas relações semânticas na sociedade. Por fim, trazemos questões da dimensão social, a ideologia e a hegemonia que circulam na representação discursiva do ser *favela*.

Esse movimento analítico - prática discursiva, texto e prática social - decorre desse modo por compreendermos que a representação discursiva tem uma faceta de representação identitária, logo as contribuições do discurso e suas implicações de investigação nos dá base para alcançarmos nosso principal objetivo, que é analisar a identidade que a música funkeira dá para o sujeito *favela*. Sigamos à análise

Análise

Para dar início à nossa análise, se tratando da prática discursiva, trazemos uma narração do videoclipe veiculado na plataforma Youtube da música “Sou Favela” para melhor ambientar nossa análise e suas implicações na sociedade. O clipe se passa em dois cenários, na favela e na casa de uma família (composta por um casal e uma filha) que podemos considerar de classe média alta. Ele começa na favela, mostrando os dois cantores. Vitinho Ferrari, um dos cantores, interpreta o filho da empregada doméstica que trabalha na casa dessa família de classe média alta e que, após passar um dia no trabalho da mãe, acaba se apaixonando pela filha do casal. Todavia, o momento logo é interrompido pelo pai da menina. Por serem de classes sociais diferentes, a música aborda um amor impossível, o qual seria mal visto principalmente pelo pai da menina. Contudo, ao final do clipe, a mãe convence o pai a deixar os dois se aproximarem, e o menino termina tomando café com a família da menina.

A canção foi produzida musicalmente pelo DJ DG e Batidão Estronda, os quais são produtores e compositores musicais que geralmente compõem canções mais voltadas para o funk. Ela é interpretada pelo MC Bruninho e o Vitinho Ferrari e tem seu videoclipe produzido pela GR6 Filmes, produtora audiovisual especializada na criação de conteúdos que visam mais a divulgação de músicas

funkeiras. Diante disso, percebemos que todos os indivíduos envolvidos no processo de produção da música vêm de comunidades periféricas.

A música foi distribuída através da plataforma de *streaming* YouTube, por meio do canal GR6 EXPLODE, que conta com mais de 38,8 milhões de inscritos (até a última visita ao vídeo antes de nossa análise). De acordo com a descrição feita na aba 'sobre' do canal, o GR6 EXPLODE é o sexto maior canal do Brasil e o segundo maior canal do mundo quando se trata de funk. Ele tem mais de 250 artistas pertencentes ao *casting* que vão do funk ao pop e a maioria dos videoclipes vinculados ao canal tem a produção assinada pela GR6 Filmes, que é uma das principais produtoras audiovisual que cria conteúdo voltado para o funk no mundo e que pertence ao grupo GR6 EXPLODE.

A música com o videoclipe e a letra na descrição do vídeo foi lançada no canal no dia 2 de setembro de 2018. Por ser um dos maiores canais do Brasil e o segundo maior quando falamos de produção musical voltada para o funk, somando mais de 25 bilhões de visualizações ao todo, nota-se que as canções distribuídas através dele conseguem chegar, além das milhões de pessoas inscritas, a diversas outras, por causa dos grandes números e poder de divulgação que o canal carrega hoje.

Percebemos que a música foi consumida, de acordo com o número de visualizações atuais, por mais de 406 milhões de pessoas, e recebeu mais de 186 mil interações por meio de comentários. Por ser um canal mais voltado para a divulgação de músicas pertencentes aos estilos musicais funk e pop, podemos deduzir que, em sua maioria, as pessoas que consomem os conteúdos produzidos pela GR6 EXPLODE são ouvintes e apreciadores do funk.

Adentrando na dimensão textual, quanto aos recursos lexicais presentes na canção que apontam para a representação identitária do *favela*, podemos apontar, de início, a expressão “favela”, no verso 3, “sou favela”. Tal léxico comumente é marcado para funcionar como circunstância de lugar, contudo, na música, “favela” assume a função de adjetivo, caracterizando um “eu”. Assim, como qualquer adjetivo, há uma qualificação do sujeito, diferindo de outras caracterizações e indicando o seu ser.

No verso 7, “sou neguim”, acrescenta-se mais um léxico, com um formato muito particular de diminutivo. Primeiro, a conotação racial, marcando esse ser *favela* não é dada de maneira aleatória, pois aqui existe uma relação intrínseca de raça e classe social: um negro, morador de uma favela. Logo, o ser *favela* também aponta para a raça do sujeito. Soma-se a isso formas de empregos mórficos particulares desse sujeito, o uso do “neguim” e não “neguinho”, explicitando uma contração. Esse uso é reiterado mais na frente, ainda no mesmo verso, com o léxico “barraquin”. Além de mostrar o local onde vive, já que “barraquin” indica o local onde normalmente esse sujeito mora – quase sempre como uma casa muito pequena, comum de favelas –, é apresentado mais uma vez essa contração. Portanto, o sujeito *favela*, além de ser “neguim”, e morar no “barraquin”, tem sua forma particular de usar a linguagem verbal, como o diminutivo.

Mais à frente, o verso 13, “eu não quero dinheiro”, o léxico nominal “dinheiro”, antecedido de um “não quero”, marca um pressuposto que o sujeito *favela* precisa negar: por ser *favela*, almejar sempre dinheiro. Como a música trata de um sujeito que se apaixona por uma menina “cinderela”, talvez isso seja

interpretado como uma saída para o *favela* conseguir dinheiro e sair de seu lugar de origem. Esse pressuposto é marcado explicitamente na música com a presença do pai da “cinderela”.

Na canção, o verso 14, “tenho a riqueza”, o sujeito *favela* traz a expressão “riqueza”, comumente empregada por um conjunto de bens materiais, de maneira metafórica, construindo o sentido de riqueza a partir do sentimento de amor dele pela “cinderela” que ele se apaixonou. Daí, tal sujeito sugere até o casamento, a fim de provar que “riqueza” para ele é tida a partir da vida a dois com a pessoa amada.

Tais léxicos nominais “favela”, “neguin”, “barraquin”, “dinheiro” e “riqueza”, apontam para um modo de representação do sujeito *favela*: um sujeito morador de um espaço comumente desassistido, como são as favelas, de cor negra, morador de uma casa pequena e interpretado como aquele que almeja a todo custo dinheiro, precisando quebrar tal pressuposto por ter se apaixonado por uma pessoa possuidora de riquezas materiais.

Na análise, além de conseguirmos identificar alguns léxicos que apontam para a representação identitária sobre o sujeito “favela”, vimos que também há léxicos que constroem a representação de um sujeito que é oposto do primeiro: a da menina “cinderela”. No verso 2, “a beleza dela”, a expressão nominal “beleza” é dada para caracterizar uma beleza incomum para quem frequenta o mesmo espaço que o sujeito *favela*, ou seja, uma beleza exótica em termos de favela. Além disso, ela é nomeada como “cinderela”, como está marcado no verso 4, muito provavelmente relacionando a princesas de contos de fadas, como o conto Cinderela, uma mulher muito bonita, com traços físicos da branquitude, que é uma regularidade de princesas de contos de fadas.

Soma-se a isso a expressão nominal “zona Sul”, no verso 5, como um espaço que antagoniza “becos e vielas”, no verso 1, possibilitando entender que a “zona Sul” não é o lugar-comum do “favela”, mas sim de uma menina com uma beleza descomunal, digna de ser comparada com uma princesa. Por fim, a fim de ratificar esses traços físicos de privilégio social, a música traz, ainda no verso 5, “loirinha” e “de olho azul”, que marcam expressões que concretizam as características físicas dessa “cinderela”.

Se, de um lado, temos um “neguin” que mora em um “barraquin”, de outro, temos uma “cinderela” da “zona Sul”. Portanto, percebemos a presença de representações que antagonizam. Isso nos faz compreender que essa contraposição potencializa a representação identitária do *favela*, isto é, além dos léxicos que constroem a representação do ser *favela*, o *favela* também é construído pelo que ele não é: um branco, da zona sul, de olhos azuis, como ocorre na representação da menina.

Na dimensão da prática social, tratamos de investigar as bases ideológicas e hegemônicas da representação identitária do sujeito *favela* na música de funk “Sou Favela” do MC Bruninho e Vitinho Ferrari, por meio de seus aspectos observáveis como aponta Fairclough (2001). No que se refere à ideologia, consideram-se os sentidos, pressuposições e metáforas, quanto à hegemonia, consideram-se as orientações econômicas, políticas, culturais e ideológicas.

Os versos 3 e 4, “Sou do morro, sou favela/Mas meu coração se apaixonou por essa cinderela”, apontam para hegemonia capitalista, pois, ao se identificar como sendo do morro, lugar geográfico marcado por uma população

economicamente pobre e em contraposição, marcada pela adversativa “mas”, ele se apaixona por essa “cinderela”, uma princesa dos contos de fadas que é associada culturalmente à grande riqueza. Dessa forma, a música apresenta um amor impossível marcado pela diferença social econômica que eles ocupam. É importante frisar que a hegemonia “é um foco de constante luta sobre pontos de maior instabilidade entre classes [...] manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação, que assume formas econômicas, políticas e ideológicas” (Fairclough, 2001, p. 122).

No que se refere à ideologia, o trecho aponta para a aporofobia, termo que se refere à fobia ou ódio aos pobres (Cortina, 2020) que são identificados como excluídos e marginalizados e que são invisibilizados e estigmatizados pela sociedade. Cortina (2020) reflete ainda que vivemos em uma sociedade que gera cada vez mais pessoas na condição de pobreza. Além disso, o sistema capitalista culpabiliza os pobres pela própria pobreza com os discursos de meritocracia. Fairclough (2001, p. 117) salienta que “as ideologias embutidas nas práticas discursivas são muito eficazes quando se tornam naturalizadas e atingem o status de senso comum.”

Nessa sociedade que vive a Modernidade Tardia, Giddens (1991) traz como característica a expansão do neoliberalismo, do capitalismo e das tecnologias da informação e da comunicação os quais cada vez mais provocam grandes transformações sociais e econômicas em nível global e acentuam desigualdades sociais e exclusão social. A partir da ótica da ADC,

essas condições da vida social podem ser modificadas, para tanto essa perspectiva estabelece uma investigação crítica sobre práticas sociais de dominação, de discriminação e de relações conflituosas de poder que se encontram cristalizadas na vida social (Santos; Lopes; Dutra, 2020, p. 125).

Dessa forma, a aporofobia tem relação estreita com a Modernidade Tardia, já que produz uma sociedade estratificada, fragmentando identidades e culturas de estilo de vida, tornando-as concorrentes e hierarquizadas.

Nos versos 5 ao 8, “Ela é da Zona Sul, loirinha, de olho azul/E o impasse é o pai dela/Só porque eu sou neguin, moro num barraquin/Mas dei a chave do meu coração pra ela”, apresenta-se a hegemonia da supremacia branca marcada ao delimitar as partes geográficas da cidade em que moram: “zona Sul”, um dos locais em que elite branca carioca vive *versus* “barraquin” na favela, moradia das pessoas negras e pobres. A ideologia apresentada nesse trecho é racista, marcada pela caracterização fenotípica da mulher pelos traços loiros, de olhos azuis, os quais indicam que ela é branca, corroborando com a tradição das princesas dos contos de fadas. Em contraposição, o homem recebe o adjetivo no diminutivo ‘neguin’, apontando que é racialmente negro e inferiorizado por essa condição, assim como pela condição econômica.

Carneiro (2011) denuncia que a pobreza tem cor no Brasil. A saber a profundidade de tal reflexão, com base no estudo *Desenvolvimento humano e desigualdades étnicas no Brasil: um retrato de final de século*, desenvolvido pelo economista Marcelo Paixão, ele mostra que a desigualdade racial no Brasil é tão intensa que se o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do país dependesse

somente dos números da população branca, o país ocuparia a 48ª posição no *ranking* mundial organizado pela Organização das Nações Unidas (ONU), todavia, se fosse utilizado somente os índices da população negra brasileira, ocuparíamos a 108ª posição.

Com tudo isso, essa pesquisa mostra, contundentemente, o grau de desigualdade social no Brasil, que chega, como diz Carneiro (2011), a configurar dois países distintos e que, apesar disso, a elite branca colonialista brasileira continua a alegar que não existe preconceito racial, apenas diferenças sociais, pois vivemos uma democracia racial como é hegemonicamente consentida, apesar de muitas pesquisas mostrarem que a democracia racial no nosso país é um mito amplamente divulgado.

Para finalizar a análise, nos versos 13 ao 16, “Fala pro teu pai que eu não quero dinheiro/Eu já tenho a riqueza que é você/Se quiser casar, eu caso/Vamos brincar de amar, somente eu e você”, a hegemonia predominante é a capitalista ao defender-se da prerrogativa que ele estaria se relacionando somente por estar em busca da riqueza da família dela, ou seja, na tentativa de ascensão econômica. Outro ponto importante a ser considerado, na hegemonia da supremacia branca, é que o casamento inter-racial é visto comumente como uma forma de ascensão social para o negro/preto. Nessa ótica, em conformidade com Souza (2008, p.72), “a mulher branca, além de propiciar um dado acesso social ao homem negro, funcionaria como uma possibilidade de escamoteamento de seu padrão fenotípico, conferindo invisibilidade a sua cor”. Dessa forma, na música de funk analisada, o relacionamento com a loirinha de olho azul da zona Sul seria uma forma de ascensão social e branqueamento do “neguin” que mora na favela.

No tocante às ideologias que observamos, ainda no mesmo trecho em análise, identificamos a ideologia machista evidenciada pela ausência da voz e do posicionamento da mulher. Todos os trechos da música estão presentes a preocupação do que o pai pensa, deseja e aprova, inclusive dando a entender que o matrimônio seria uma prova de que o “neguin” ama a “cinderela” e não estaria interessado no dinheiro do pai dela.

Conclusão

Apresentando algumas considerações a respeito do trabalho empreendido, propusemo-nos a investigar, através da letra de funk “Sou Favela” do MC Bruninho e Vitinho Ferrari, como acontece o reconhecimento do favelado como um ser construído nas/pelas práticas sociais da favela, dando ênfase em como acontece à construção da identidade social desse indivíduo. Para realização desse propósito, adotamos a teoria/método dos estudos em Análise do Discurso Crítica pelo modelo tridimensional de Fairclough (2001) e os estudos sobre representação (Ferreira, 2010) e sobre identidade (Woodward, 2014).

Com base no modelo tridimensional de Fairclough (2001), a análise se deu da seguinte forma: na dimensão discursiva, examinamos os processos de produção, distribuição e consumo da música “Sou Favela” do MC Bruninho e Vitinho Ferrari, que conta com mais de 38,8 milhões de inscritos (até o momento dessa análise); na dimensão do texto, descrevemos os elementos temáticos através dos itens lexicais como vetores de representação social do sujeito favelado/sou favela; e, por fim, na

dimensão social, investigamos as bases ideológicas e hegemônicas que sustentam a representação discursiva identitária.

Os resultados evidenciaram que o favelado/sou favela é representado como aquele sujeito racializado, marginalizado e economicamente pobre, que, por se apaixonar por uma mulher branca que mora na zona Sul e rica, tem que se defender da prerrogativa que ele estaria se relacionando por interesse na tentativa de ascensão econômica. Já sobre a prática discursiva, percebemos que todos os indivíduos envolvidos no processo de produção da música vêm de comunidades periféricas, desde os produtores (DJ DG e Batidão Estronda), os intérpretes da música (MC Bruninho e o Vitinho Ferrari), até o canal da plataforma de *streaming* que foi divulgado (GR6 EXPLODE) e que tecem uma rede de sentidos sobre a representação do ser favelado para o público consumidor. Por fim, sobre a prática social, constatamos valores ideológicos de aporofobia e racismo, assim como também percebemos a presença da hegemonia capitalista e da supremacia branca na sustentação da representação analisada.

Referências

BATISTA JR., J.; SATO, D.; MELO, I. Introdução. In: BATISTA JR., J.; SATO, D.; MELO, I. (orgs.). *Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas*. São Paulo: Parábola, 2018. p. 7-17.

CARNEIRO, S. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity: rethinking Critical Discourse Analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

CORTINA, A. *Aporofobia, a aversão ao pobre: um desafio para a democracia*. Tradução de Daniel Fabre. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/funk>. Acesso em: 21 jun. 2023.

AULETE DIGITAL. Disponível em: <https://aulete.com.br/funk>. Acesso em: 21 jun. 2023.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing Discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Trad., ver. téc. e pref.: I. Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FERREIRA, R. A questão da representação na Análise do Discurso Crítica. In: *Seminário de Análise do Discurso Crítica*, I., 2010, Fortaleza. Anais do Seminário de Análise do Discurso Crítica. Fortaleza, 2010. p. 437- 450.

GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

LUZ, A. *Proibição e Ostentação: a simbólica do funk*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade

Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/157686/001020557.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 02 mai. 2023.

MAGALHÃES, I.; MARTINS, A.; RESENDE, V. *Análise de discurso crítica: um método de pesquisa qualitativa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017.

PEREIRA, A.; TEIXEIRA L.; PEREIRA, R. Discurso. In: IRINEU, L.; et al (orgs.). *Análise de discurso crítica: conceitos-chave*. Campinas: Pontes, 2020. p. 25-44.

RESENDE, V.; RAMALHO, V. *Análise do discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

SANTOS, L. *Carolina Maria de Jesus: análise identitária em Quarto de Despejo - Diário de uma favelada*. Dissertação (Mestrado em Literatura, Memória e Identidade) - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UFG Regional Catalão, Goiás, 2015.

SANTOS, E.; LOPES, L.; DUTRA, Z. Modernidade Tardia. In: IRINEU, L. et al. *Análise de Discurso Crítica: conceitos-chave*. Campinas: Pontes Editores, 2020. p. 125-142.

SANTOS, J. RAMIRES, V. Música, Ideologia e Relações de poder: a imagem da mulher nas letras de funk. *Revista Ártemis*, Vol. XXIII nº 1; jan-jun, pp. 156-167, 2017. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/9edf139134e6f12118077fdd045e7b9c/1?pq-origsite=gscholar&cbl=4708196>. Acesso em: 02 de mai. 2023.

SANTOS, C.; TAVARES, L.; COLARES, O.; TELES, R. Representações Discursivas. In: IRINEU, L. (org). *Análise de discurso crítica: exercícios analíticos*. Campinas, SP: Pontes Editora, 2022. p. 161-180.

SOUZA, C. *A solidão da mulher negra – sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

VASSOLÉR, J. F. *Consumo, logo existo: análise discursiva crítica de representações sociais em letras de funk ostentação*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/34856/1/2018_JulianaFerreiraVassol%c3%a9r.pdf. Acesso em: 02 mai. 2023.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T.T. (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15. ed – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

Para citar este artigo

VIEIRA JUNIOR, Manoel Ivany dos Santos; MARTINS, Ruth Lima; GURGEL, Sara Valentim. Representação discursiva identitária sobre o favelado na música de funk “Sou favela”, de MC Bruninho e Vitinho Ferrari. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 13, n. 2, p. 460-477, maio-ago. 2024.

Manoel Ivany dos Santos Vieira Junior é mestre e Doutorando em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (POSLIN) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com enfoque na Linguística do Texto e do Discurso, especificamente na linha de pesquisa da Análise do Discurso, debruçando-se no campo disciplinar da Análise de Discurso Crítica (ADC). Graduado em Letras - Português (licenciatura) pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). No presente, é integrante do Grupo de Pesquisa em Análise de Discurso Crítica (GPADC/UECE) no qual pesquisa, reflete, discute e produz questões de representações, ideologias e letramentos. Também atua no Projeto de Pesquisa: Análises crítico-discursivas de textos da mídia, no qual analisa aspectos linguísticos, perpassando por aspectos imagéticos até atingir as ideologias explícitas ou implícitas contidas nos discursos. A partir dos pressupostos da ADC, tem interesse, de modo particular, em pesquisas que versam sobre o discurso midiático, principalmente quando relacionado a representações de favelas e periferias. E-mail: manoel.ivany.mi@gmail.com; ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-9421-3805>.

Ruth Lima Martins possui graduação em Letras - Língua Portuguesa na modalidade licenciatura pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Mestranda no Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada (PosLA) na Universidade Estadual do Ceará (UECE), onde pesquisa na linha dos Estudos Críticos da Linguagem sobre Performatividade, Raça, Gênero e Literatura de mulheres negras periféricas sob perspectivas da Pragmática Cultural, Decolonialismo, Interseccionalidade e Feminismo Negro. Membro do Grupo de Pesquisa "Pragmática Cultural: Linguagem e Interdisciplinaridade" (PRAGMACULT), membro colaboradora do Programa de Extensão Viva a Palavra (UECE) e integrante da Coletiva Cultural Elas poemas: escritas periféricas. E-mail: lima.martins@aluno.uece.br; ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-1288-0677>.

Sara Valentim Gurgel é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLa) pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Graduada em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) na modalidade licenciatura. Possui formação complementar em Língua Portuguesa pelo Núcleo de Línguas Estrangeiras (NLE) vinculado à UECE. E-mail: sara.gurgel@aluno.uece.br; ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0006-9398-9824>.